

Verifica-se, à medida que o tempo passa, que está se instalando em todo o mundo uma mentalidade anticientífica. Ao que parece, a ciência - que melhorou as condições de vida do homem em todos os sentidos - se apresenta aos homens de hoje como um "mal necessário". E o universo semelha uma "caixa de Pandora" que não deve ser tocada sob pena de se espalharem pelo mundo todos os males advindos do grande pecado: comer a maçã da Sabedoria...

Na verdade, esse tipo de mentalidade começou a ter lugar no início deste século. O fim do século XIX representou o período de ouro da ciência e da filosofia: uma coragem inaudita se apossou dos cientistas, que passaram a pesquisar abertamente, sem medo dos tribunais de santo ofício tão comuns e que atravessaram galhardamente os dias dourados do Renascimento. As polêmicas tomaram conta dos periódicos e, quase sempre, ganhava terreno a liberdade de pensar. Os trabalhos de Freud, que desvendou a alma humana, de Haeckel e Darwin, que provaram a origem animal do homem, a filosofia de Bertrand Russell, que libertou-nos do preconceito - tudo isso dignificou o ser humano, que começou a esquecer os seus temores das bruxas e da escuridão, do trovão e do relâmpago. Mas a reação logo se fez sentir, no dealbar do século atual, que, se nos deu a Lua e o sistema solar, trouxe na sua primeira metade as duas maiores guerras da História. Como consequência veio o medo. E os próprios cientistas se acorvadaram.

A chamada ciência oficial trata de impor a lei do silêncio para aqueles que querem dizer coisas novas ou, pelo menos, levar ao homem da rua a verdade científica. Foram criados padrões especiais que devem ser obedecidos sob pena de anatematização.

Vimos há pouco, revistas científicas "proibirem" a leitura dos livros de Immanuel Velikovsky, os quais, segundo se dizia, envergonhavam as academias e universidades. Pouco tempo depois, uma grande Universidade inaugurava um simpósio que teve por título Revisitando Velikovsky. Nesse simpósio, discutiu-se a obra de Velikovsky, separando o errado do certo, o erro do acerto. Porque afinal de contas ele disse verdades que foram provadas posteriormente.

Mais recentemente, esboçou-se grande movimento contra Carl Sagan que, no seu (magnífico por todos os aspectos) COSMOS tenta trazer ao grande público a mensagem da Ciência em linguagem simples e de grande beleza estética.

Nos EUA e na Europa existe um movimento destinado a denegrir o grande divulgador. E aqui mesmo, no Brasil, já vimos o início desta campanha num artigo do Sr. Giorgio Giacaglia, da Escola Politécnica de S. Paulo, que

declara ser Sagan um "ex-cientista" e uma espécie de pelotiqueiro, um acrobata da palavra e da imagem, tentando trazer aos homens idéias erradas sobre o Cosmos. Se a sua crítica tivesse a função de corrigir os possíveis erros de Sagan devidos ao exagero do seu entusiasmo, muito bem. A origem dessas críticas é, porém, bem outra: o que se pretende é levar de volta a Ciência para as academias e universidades, pondo-a fora do alcance do homem comum. Existe um grupo de indivíduos que se intitula a si mesmo de "creacionistas", os quais, com a Bíblia na mão, debateram contra as verdades científicas - principalmente a teoria da evolução das espécies tornada irreversível graças ao padre católico Teilhard de Chardin...

O momento é de tal gravidade que existem várias hipóteses para a formação do Universo, mas só uma teve a seu favor o consenso geral: a teoria do "Big-Bang!". E por que? Porque é uma teoria bíblica, coincidindo com o Gênesis em seus primórdios. Para os religiosos, Deus não pode continuar criando matéria (como se vê na hipótese de Universo contínuo). Ele só pôde fazer isso uma vez...E assim, em todos os campos da ciência atual, que descamba velozmente para um Néo-Medievalismo.

Qual o crime maior de Sagan? Este: ao falar da Escola Jônica, disse que, se ela houvesse tido continuidade, nós estaríamos milhares de anos à frente no conhecimento científico. Responsabilizou os idealistas - notadamente Platão e Aristóteles - pela estagnação das idéias. E chegou a triscar na pele do Cristianismo. Ora, para que crime maior?

Sagan tem seus defeitos, oriundos em sua maior parte do entusiasmo com que enfoca os vários ângulos do Cosmos. Comete exageros, "habitando" planetas que nem ao menos descobrimos, ainda. Extrapola fenômenos, "cria" hipóteses e teorias. Mas, no programa, ele é um professor, não um cientista de gabinete. E um verdadeiro professor, é um artista: tem de criar, tem de chamar a atenção para o problema que enfoca. Os métodos podem não ser ortodoxos - mas são perfeitos.

Respeitemos as palavras e o conhecimento do emitante professor Giacaglia. Não podemos, porém, concordar quando ele diz que "qualquer grupo de pessoas medianamente cultas, em nosso país, faria um programa bem mais educativo, menos fantasmagórico".

Ele parece não saber que Sagan é um cientista respeitado, um consultor da NASA, membro de um Observatório especializado como não temos no Brasil.

Esta é a nossa opinião particular. Não expressa o pensamento da SBAA, do boletim Zodíaco, nem dos amadores cearenses ou brasileiros. Aproveitamo-nos da "abertura" que ainda existe para dar um brado de alerta contra a "medievalização" do pensamento. Giordano Bruno foi queimado vivo por que acreditou que os planetas eram planetas e que poderiam até ser habitados. Carl Sagan tem repetido apenas palavras que foram de sábios como os antigos jônios e aqueles que reabriram as magnas questões, como Copérnico, Harvey, Galileu e outros.